

A mãe do sabugueiro

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um menino que estava resfriado; tinha saído e molhado os pés. Ninguém conseguia entender onde os molhara, pois o tempo estava inteiramente seco. Sua mãe então lhe tirou a roupa, pôs o menino na cama e mandou trazer a máquina de chá para lhe preparar uma boa xícara de chá de sabugueiro, porque isso aquece! Nesse instante entrou pela porta o velho divertido que morava no último andar da casa e vivia tão sozinho, pois não tinha mulher nem filhos, mas gostava tanto de todas as crianças e sabia contar tantos contos de fadas e histórias que era um prazer.

“Agora você vai tomar seu chá!”, disse a mãe. “Talvez depois ganhe um conto de fadas.”

“Sim, se a gente ao menos soubesse algum novo!”, disse o velho, fazendo um sinal tão afável com a cabeça. “Mas onde foi que o pequeno molhou os pés?”, perguntou.

“Pois é, onde foi!”, disse a mãe. “Ninguém consegue entender.”

“Vou ganhar um conto de fadas?”, perguntou o menino.

“Sim, mas você pode me dizer com bastante exatidão, porque primeiro preciso saber: qual é a profundidade da sarjeta naquela ruazinha onde você vai à escola?”

“Exatamente até o meio do cano das botas”, disse o menino, “mas aí tenho que entrar no buraco fundo!”

“Vejam, foi daí que vieram os pés molhados”, disse o velho. “Agora eu devia mesmo contar um conto de fadas, mas não sei mais nenhum!”

“O senhor pode inventar um agora mesmo”, disse o menino. “Mamãe diz que tudo para o que o senhor olha pode virar um conto de fadas, e que de tudo o que toca pode tirar uma história!”

“Sim, mas esses contos e essas histórias não prestam; os de verdade, não: eles vêm por si mesmos, batem na minha testa e dizem: aqui estou!”

“Não vai bater logo?”, perguntou o menino, e a mãe riu, pôs o sabugueiro no bule e despejou água fervente por cima.

“Conte! Conte!”

“Sim, se ao menos um conto viesse por si mesmo, mas ele é muito distinto, só vem quando tem vontade! — Espere!”, disse de repente. “Aí está! Preste atenção, agora há um em cima do bule!”

E o menino olhou para o bule. A tampa se levantava cada vez mais, e as flores de sabugueiro surgiram, tão frescas e brancas; lançaram ramos grandes e compridos, que se espalhavam para todos os lados, até pelo bico, e cresciam mais e mais. Era o mais belo arbusto de sabugueiro, uma árvore inteira, que avançava para dentro da cama e afastava as cortinas. Ah, como florescia e perfumava! E no meio da árvore estava sentada uma velha bondosa, com um vestido estranho, todo verde como as folhas do sabugueiro e coberto de grandes flores brancas de sabugueiro; à primeira vista não se podia saber se era tecido ou folhagem e flores vivas.

“Como se chama essa mulher?”, perguntou o menino.

“Pois esses romanos e gregos”, disse o velho, “chamavam-na de dríade, mas isso nós não entendemos; lá em Nyboder têm um nome melhor para ela: chamam-na de ‘Mãe do Sabugueiro’, e é nela que você deve prestar atenção agora. Escute e olhe para o belo sabugueiro!

Uma árvore grande e florida exatamente assim existe lá em Nyboder! Cresceu num canto de um pequeno pátio pobre; debaixo dela, numa tarde do mais belo sol, estavam sentados dois velhos: um marinheiro muito, muito velho e sua mulher muito, muito velha. Eram bisavós e logo comemorariam suas bodas de ouro, mas não conseguiam se lembrar bem da data. A Mãe do Sabugueiro estava sentada na árvore e parecia tão contente como aqui. ‘Eu sei muito bem quando são as bodas de ouro!’, disse ela, mas eles não ouviram, conversavam sobre os tempos antigos.

‘Sim, você se lembra’, disse o velho marinheiro, ‘de quando éramos bem pequeninos e corríamos e brincávamos? Era exatamente neste mesmo pátio onde estamos sentados agora, e espetávamos gravetos na terra para fazer um jardim.’

‘Sim’, disse a velha, ‘lembro muito bem! E regávamos os gravetos, e um deles era de sabugueiro; criou raízes, lançou brotos verdes e agora se tornou a grande árvore debaixo da qual nós, dois velhos, estamos sentados.’

‘É verdade!’, disse ele. ‘E ali no canto havia uma tina de água; nela flutuava meu barco, que eu mesmo tinha entalhado. Como sabia navegar! Mas logo fui navegar de um jeito bem diferente!’

‘Sim, mas primeiro fomos à escola e aprendemos alguma coisa!’, disse ela. ‘Depois fomos confirmados; nós dois choramos. Mas à tarde subimos de mãos dadas à Torre Redonda e olhamos para o mundo, por cima de Copenhague e

das águas; depois fomos a Frederiksberg, onde o rei e a rainha navegavam pelos canais em seus magníficos barcos.’

‘Mas eu fui navegar de um jeito bem diferente, e por muitos anos, para bem longe, nas grandes viagens!’

‘Sim, chorei muitas vezes por você!’, disse ela. ‘Achava que tinha morrido e desaparecido, que devia estar lá embaixo, nas águas profundas, balançando à toa! Muitas noites me levantei para ver se o cata-vento girava; sim, ele girava, mas você não voltava! Lembro com tanta clareza de um dia em que chovia a cântaros: o lixeiro chegou à porta da casa onde eu trabalhava, desci com a barrica e fiquei parada na entrada. Que tempo horrível! E, enquanto eu estava ali, o carteiro apareceu ao meu lado e me deu uma carta; era sua. Ah, quanto aquela carta tinha viajado! Abri-a logo e li; ria e chorava, estava tão contente! Dizia que você estava nos países quentes onde crescem os grãos de café! Que terra abençoada deve ser! Você contava tanta coisa, e eu via tudo, enquanto a chuva caía e eu estava ali com a barrica. Nesse instante alguém me abraçou pela cintura — —’

‘— Sim, mas você lhe deu um belo tapa na orelha, que até estalou.’

‘Eu não sabia que era você! Tinha chegado tão cedo quanto sua carta; e estava tão bonito — ainda está! —, tinha um longo lenço amarelo de seda no bolso e um chapéu lustroso na cabeça; estava tão elegante. Meu Deus, que tempo fazia, e em que estado estava a rua!’

‘Então nos casamos!’, disse ele. ‘Lembra? E depois tivemos o primeiro menininho, e depois Marie, Niels, Peter e Hans Christian!’

‘Sim, e como todos cresceram e se tornaram pessoas de bem, de quem todo mundo gosta!’

‘E os filhos deles também tiveram seus pequenos!’, disse o velho marinheiro. ‘Sim, são bisnetos, e têm muita fibra! — Acho que foi por esta época do ano que nos casamos!’

‘Sim, é justamente hoje o dia das bodas de ouro!’, disse a Mãe do Sabugueiro, metendo a cabeça bem no meio dos dois velhos, que pensaram ser a vizinha fazendo um sinal. Olharam um para o outro e deram as mãos; pouco depois chegaram filhos e netos. Sabiam muito bem que era o dia das bodas de ouro, já os tinham cumprimentado de manhã, mas os velhos haviam esquecido, embora se lembrassem tão bem de tudo o que acontecera muitos anos antes. E o sabugueiro exalava um perfume tão forte, e o sol, que ia se pondo, iluminava bem o rosto dos dois velhos; ambos pareciam tão corados, e o menor dos netos dançava ao redor deles e gritava, todo feliz, que à noite haveria uma verdadeira festa, comeriam batatas quentes; e a Mãe do Sabugueiro fazia sinais na árvore e gritava hurra com todos os outros.” —

— “Mas isso não era um conto de fadas!”, disse o menino que ouvia a narrativa.

“Pois você precisa entender isso!”, disse quem contava. “Mas vamos perguntar à Mãe do Sabugueiro!”

“Não era um conto de fadas!”, disse a Mãe do Sabugueiro. “Mas agora vem um! É justamente da realidade que cresce o mais maravilhoso conto de fadas; senão meu belo sabugueiro não poderia ter brotado do bule.” E tirou o menino da cama, apertou-o contra o peito, e os ramos de sabugueiro, cheios de flores, se fecharam ao redor deles. Ficaram sentados como no mais denso caramanchão, que voava com eles pelos ares; era incomparavelmente belo. De repente a Mãe do Sabugueiro havia se tornado uma menininha graciosa, mas o vestido ainda era do mesmo tecido verde com flores brancas que ela usava

antes; no peito tinha uma flor de sabugueiro de verdade e, ao redor dos cabelos louros e encaracolados, uma coroa inteira dessas flores. Seus olhos eram tão grandes, tão azuis; ah, era tão encantadora de se ver! Ela e o menino se beijaram, e então tinham a mesma idade e a mesma alegria.

Saíram de mãos dadas da cabana de folhagem e se viram no belo jardim florido de sua casa; junto ao gramado viçoso, a bengala do pai estava amarrada a uma estaca. Para os pequenos, havia vida na bengala; assim que montaram nela, o castão lustroso se transformou numa magnífica cabeça que relinchava, a longa crina preta esvoaçava, surgiram quatro pernas esguias e fortes; o animal era forte e feroso. Galoparam ao redor do gramado: eia! — “Agora vamos cavalgar muitas milhas para longe!”, disse o menino. “Vamos à casa senhorial onde estivemos no ano passado!” E cavalgavam e cavalgavam ao redor do gramado. E a menininha, que, como sabemos, não era outra senão a Mãe do Sabugueiro, gritava sempre: “Agora estamos no campo! Está vendo a casa do camponês, com o grande forno que parece um ovo gigantesco na parede voltada para a estrada? O sabugueiro inclina os ramos por cima dele, e o galo anda ciscando para as galinhas. Veja como estufa o peito! — Agora estamos na igreja! Fica no alto da colina, entre os grandes carvalhos, um deles já meio morto! — Agora estamos na ferraria, onde arde o fogo e os homens seminus batem com o martelo, espalhando faíscas por toda parte. Avante, avante, para a magnífica casa senhorial!” E tudo o que a menininha, sentada atrás na bengala, dizia passava voando; o menino via tudo, embora só dessem voltas no gramado. Depois brincaram no caminho lateral e riscaram na terra um jardinzinho; ela tirou a flor de sabugueiro dos cabelos, plantou-a, e ela cresceu, exatamente como acontecera aos velhos de Nyboder quando eram pequenos, conforme já se contou. Andavam de mãos dadas, como os velhos tinham feito quando crianças, mas não subiram à Torre Redonda, nem foram ao jardim de Frederiksberg. Não: a menininha abraçou o menino pela cintura

e saíram voando por toda a Dinamarca; era primavera, depois veio o verão, era outono, depois veio o inverno, e mil imagens se refletiam nos olhos e no coração do menino. E a menininha lhe cantava sempre: “Isso você nunca vai esquecer!” E durante todo o voo o sabugueiro exalava um perfume tão doce e tão belo; ele percebia as rosas e as faias viçosas, mas o sabugueiro tinha um aroma ainda mais maravilhoso, pois suas flores pendiam junto ao coração da menina, e durante o voo ele muitas vezes inclinava a cabeça para lá.

“Aqui é lindo na primavera!”, disse a menininha, e estavam no bosque de faias recém-abertas, onde a aspérula verde perfumava o chão a seus pés e as anêmonas rosa-pálidas pareciam tão belas entre o verde. “Ah, se fosse sempre primavera no perfumado bosque de faias da Dinamarca!”

“Aqui é lindo no verão!”, disse ela, e passaram voando por antigas casas senhoriais do tempo dos cavaleiros, cujas paredes vermelhas e empenas recortadas se espelhavam nos canais, onde os cisnes nadavam e espiavam as velhas alamedas frescas. No campo os cereais ondulavam como um lago; os fossos estavam cheios de flores vermelhas e amarelas, as cercas, de lúpulo silvestre e corriolas floridas; e à noite a lua subia, grande e redonda, os montes de feno nos prados tinham um aroma tão doce. “Isso nunca se esquece!”

“Aqui é lindo no outono!”, disse a menininha, e o céu ficou duas vezes mais alto e azul; o bosque adquiriu as mais belas cores vermelhas, amarelas e verdes, os cães de caça disparavam, bandos inteiros de aves de caça voavam gritando sobre o túmulo antigo, onde as ramas de amora se enroscavam nas velhas pedras. O mar era azul-escuro, com embarcações de velas brancas, e na eira mulheres velhas, moças e crianças catavam lúpulo numa grande tina; os jovens cantavam canções, mas os velhos contavam histórias de nisses e trolls. “Melhor não podia ser!”

“Aqui é lindo no inverno!”, disse a menininha, e todas as árvores estavam cobertas de geada, pareciam corais brancos; a neve rangia sob os pés, como se todos usassem sempre botas novas, e do céu caía uma estrela cadente atrás da outra. Na sala acendia-se a árvore de Natal, havia presentes e bom humor; no campo o violino soava na sala do camponês, bolinhos dinamarqueses eram distribuídos aos montes; até a criança mais pobre dizia: “Como é lindo no inverno!”

Sim, era lindo! E a menininha mostrava tudo ao menino, e o sabugueiro perfumava sempre, e tremulava sempre a bandeira vermelha com a cruz branca, a bandeira sob a qual navegara o velho marinheiro de Nyboder! — E o menino se tornou rapaz e devia sair pelo vasto mundo, para bem longe, para os países quentes onde cresce o café; mas, na despedida, a menininha tirou do peito uma flor de sabugueiro e lhe deu para guardar. Ela foi posta no livro de salmos; e, em terra estrangeira, sempre que ele abria o livro era justamente no lugar onde estava a flor da lembrança, e quanto mais olhava para ela, mais fresca ela se tornava. Era como se ele sentisse um perfume dos bosques dinamarqueses e visse claramente a menininha espiando entre as pétalas com seus olhos azuis límpidos; ela então sussurrava: “Aqui é lindo na primavera, no verão, no outono e no inverno!” E cem imagens deslizavam por seus pensamentos.

Assim se passaram muitos anos, e agora ele era um velho e estava sentado com sua velha mulher debaixo de uma árvore florida. Davam as mãos, como o bisavô e a bisavó lá em Nyboder, e falavam, como eles, dos tempos antigos e das bodas de ouro; a menininha de olhos azuis e flores de sabugueiro nos cabelos estava sentada na árvore, fazia um sinal para os dois e dizia: “Hoje é o dia das bodas de ouro!” E tirou duas flores de sua coroa, beijou-as, e elas brilharam primeiro como prata, depois como ouro. Quando as pôs na cabeça dos velhos, cada flor se tornou uma coroa de ouro; ficaram os dois sentados

como um rei e uma rainha debaixo da árvore perfumada, que parecia em tudo e por tudo um sabugueiro. E ele contou à velha mulher a história da Mãe do Sabugueiro, assim como lhe fora contada quando era menino; ambos achavam que havia nela tanta coisa parecida com sua própria história, e o que se parecia era do que mais gostavam.

“Sim, é assim!”, disse a menininha na árvore. “Alguns me chamam de Mãe do Sabugueiro, outros de dríade, mas na verdade me chamo Lembrança; sou eu quem está sentada na árvore que cresce e cresce, sei recordar, sei contar! Deixe-me ver se ainda tem sua flor!”

E o velho abriu seu livro de salmos: ali estava a flor de sabugueiro, tão fresca como se tivesse acabado de ser posta lá. A Lembrança fez um sinal, e os dois velhos com coroas de ouro ficaram sentados ao sol vermelho do entardecer; fecharam os olhos, e — e —, sim, então o conto de fadas terminou!

O menino estava deitado na cama e não sabia se tinha sonhado ou se ouvira aquilo ser contado; o bule estava sobre a mesa, mas dele não crescia nenhum sabugueiro, e o velho que contara a história estava justamente saindo pela porta, e foi o que fez.

“Como foi lindo!”, disse o menino. “Mamãe, estive nos países quentes!”

“Sim, não duvido!”, disse a mãe. “Quando a gente toma duas xícaras bem grandes de chá de sabugueiro, certamente vai parar nos países quentes!” — E o cobriu bem para que não se resfriasse. “Você deve ter dormido enquanto eu discutia com ele se era uma história ou um conto de fadas!”

“E onde está a Mãe do Sabugueiro?”, perguntou o menino.

“Está no bule!”, disse a mãe. “E pode ficar lá!”

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-mae-do-sabugueiro>